



XII Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"



20 a 22 de Setembro de 2018 São Cristóvão/SE/Brasil

ISSN: 1982-3657 | PREFIXO DOI 10.29380

Recebido em: **11/08/2018**

Aprovado em: **12/08/2018**

Editor Respo.: **Veleida Anahi - Bernard Charlort**

Método de Avaliação: **Double Blind Review**

Doi: <http://dx.doi.org/10.29380/2018.12.28.10>

A RELAÇÃO COM O SABER NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ALGUNS APONTAMENTOS

EIXO: 28. RELAÇÃO COM O SABER

JEYSON LUCENA DA SILVA, SANDRA SANTOS DE JESUS

Resumo: Este texto propõe-se a discutir questões referentes ao conhecimento escolar, a infância e a relação com o saber, numa abordagem histórico-cultural, bem como analisar as possibilidades de aprendizagem das crianças, a partir das inovações tecnológicas contemporâneas. Defendemos a relevância do conhecimento escolar no currículo proposto para a educação infantil, considerando-se a relação com o saber como sendo capaz de promover a reflexão necessária à prática docente. Sugerimos que a valorização e a construção do conhecimento escolar na educação infantil, em específico nas escolas públicas, é de suma importância e relevância para a sociedade, enquanto direito de todos.

Palavras-chave: Relação com o saber. Conhecimento Escolar. Tecnologias. Infância.

Abstract: This text proposes to discuss issues related to school knowledge, childhood and the relationship with knowledge, in a historical-cultural approach, as well as to analyze the possibilities of learning of children, based on contemporary technological innovations. We defend the relevance of school knowledge in the curriculum proposed for early childhood education, considering the relationship with knowledge as being able to promote the necessary reflection on teaching practice. We suggest that the appreciation and construction of school knowledge in early childhood education, specifically in public schools, is of the utmost importance and relevance to society as a right of all.

Keywords: Relationship with knowledge. School Knowledge. Technologies. Childhood.

Abstracto: Este texto se propone discutir cuestiones referentes al conocimiento escolar, la infancia y la relación con el saber, en un enfoque histórico-cultural, así como analizar las posibilidades de aprendizaje de los niños, a partir de las innovaciones tecnológicas contemporáneas. Defendemos la relevancia del conocimiento escolar en el currículo propuesto para la educación infantil, considerando la relación con el saber como siendo capaz de promover la reflexión necesaria a la práctica docente. Sugerimos que la valorización y la construcción del conocimiento escolar en la educación infantil, en específico en las escuelas públicas, es de suma importancia y relevancia para la sociedad, en cuanto derecho de todos.

Palabras clave: Relación con el Conocimiento. Conocimiento Escolar. Tecnologías. La infancia.

I. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem o objetivo de promover uma reflexão sobre a relação com o saber na educação infantil, numa perspectiva histórico-cultural, no viés do sistema contemporâneo globalizado de informações. O texto traz reflexões acerca de mudanças historicamente ocorridas nos comportamentos dos indivíduos desde sua primeira infância. Numa perspectiva histórica, o texto aborda como ocorreu no período da revolução industrial entre meados do século XVIII e início do século XIX, quando boa parte dos modelos educacionais aparentemente foi moldada, com sinais tocando, conteúdos organizados em diferentes disciplinas, crianças em grupos por sistemas de faixas etárias, semelhante ao sistema de produção em massa que desenvolveu a linha de montagem, no modelo fordista de educação, onde as demandas sociais do modelo de vida industrializado cobravam roupagens diferenciadas no comportamento dos indivíduos.

Certo que a educação formal não está limitada as paredes da sala de aula, há várias formas de se aprender. “Aprender na escola é uma dessas formas, específica, valiosa, mas não a única” (BENEVIDES, 2017, p.45). Segundo La Taille (1992, p.11) “a inteligência humana somente se desenvolve no indivíduo em função de interações sociais que são, em geral, demasiadamente negligenciadas.”.

Assim, toda e qualquer relação social poderia, desde que bem aproveitada, influenciar no aprendizado individual, considerando que as relações possibilitadas no ambiente escolar, ou em nosso caso de estudo, o pré-escolar, que não deixam de ser relações sociais, contribuem para a formação da identidade. Afinal, “os primeiros contatos da criança fora do círculo familiar acontecem na escola” (JESUS, 2016, p.1).

Ao pensarmos num *continuum* de aprendizagens nas sociedades modernas remete-nos à uma

reflexão de quais formas de aprendizado que compõem nossas vidas cotidianamente, numa constante composição de conhecimentos, conhecimentos estritamente relacionados ao que aprendemos em nossas vivências cotidianas. Desta forma, é necessário contextualizarmos e analisarmos sobre o currículo, infância e relação com o saber, proposto no âmbito desta reflexão.

II. CONTEXTUALIZANDO

A verbalização de conteúdo, sem contextualização ou possibilidades de interferências e complementações, tornam-se cada vez mais obsoletas. Vivemos na fase mais estimulante e conectada da história. Agora, o desenvolvimento de habilidades e competências relacionadas ao uso da tecnologia é necessidade básica, pois nosso modo de viver, trabalhar e de relacionar-se em sociedade já não é mais o mesmo. Neste sentido Bonilla e Souza afirmam que:

Vivemos um período de mudanças na sociedade, em todas as áreas, a partir das transformações provocadas pelas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) nas dimensões espaço e tempo. Multiplicam-se as misturas culturais, acelera-se a sociodiversidade, emergem novos valores, intensifica-se o volume de informações, abrem-se possibilidades para variadas formas de comunicação e de diferentes linguagens, o que potencializa os processos de aprendizagem e produção de conhecimento. (BONILLA e SOUZA, 2011, p.91)

Neste cenário, as relações interpessoais ganham novas dimensões, o que para Castells (2003, p. 7), remete a estabelecer relação acerca da tecnologia da informação, ao afirmar que hoje, a tecnologia é o que a eletricidade foi na Era Industrial. Afirma ainda que em nossa época, a Internet poderia ser equiparada tanto a uma rede elétrica quanto ao motor elétrico, em razão de sua capacidade de distribuir a força da informação por todo o domínio da atividade humana. Castells (2003, p.7) argumenta que “as novas tecnologias de geração e distribuição de energia tornaram possível à fábrica e a grande corporação como os fundamentos organizacionais da sociedade industrial”, neste contexto, a Internet passou a ser a base tecnológica para a forma organizacional da Era da Informação: a rede.

É inegável que a internet transformou nossas vidas e, conseqüentemente, o papel da escola contemporânea necessitou ser repensado para a construção de um ambiente democrático e inovador. Logo, o fazer pedagógico que constrói outras óticas de compreensão de mundo (FERNANDES, 2015) tem-se mostrado como alternativa a ser apresentada aos alunos permitindo-lhes desempenhar funções de sujeitos ativos e colaboradores na construção do saber. Fernandes 2015, defende que:

Precisamos compartilhar uma visão da escola como um ambiente que pode ser de felicidade, de sonhar, de respeito, de satisfação, de diálogo, um lugar onde possamos, de fato, desejar estar. Um lugar de movimento, de circulação de saberes, de aprendizagens provindas da escola da vida, isso porque a aprendizagem não começa com o ingresso da criança na escola, o meio social já atuou sobre ela antes do seu ingresso no sistema escolar. (FERNANDES, 2015, p.91)

Admitir a possibilidade de diálogos com as crianças e refletir sobre o que o educador pode apreender com os educandos, vez que estes, também, são seres pensantes e capazes de refletir sobre o mundo a sua volta, torna a construção de conhecimento uma via de mão dupla. Ainda que exista uma sistematização dos conteúdos, estes podem ser repensados e reconstruídos a depender das

necessidades apresentadas no decorrer do processo de ensino-aprendizagem. Para Silva, 1999:

O que deve estar no centro do ensino: os saberes “objetivos” do conhecimento organizado ou as percepções e as experiências “subjetivas” das crianças e dos jovens. Em termos sociais, quais devem ser as finalidades da educação: ajustar as crianças e os jovens à sociedade tal como ela existe ou prepará-los para transformá-la; a preparação para a economia ou a preparação para a democracia (SILVA, 1999. p. 22)

O saber objetivo do conhecimento organizado, na perspectiva das subjetividades, estabelece uma relação estreita com o currículo das escolas. Pensar o currículo remete-nos a FERNANDES, 2015, ao lembrar a importância do Currículo, na formação do educador, no sentido de possibilitar a compreensão da educação como algo capaz de instrumentalizar o homem como ser que age sobre o mundo”. Neste sentido, ainda segundo Fernandes (2015 p.91), é neste contexto que o Currículo surge, pois deve estar atento a tudo que acontece na sociedade, sem se esgotar nos aspectos instrumentais, superando a noção de neutralidade técnica e buscando uma compreensão multidimensional do processo ensino-aprendizagem. É uma dinâmica necessária para que a superação das contradições apresentadas pela sociedade atual seja possível, com maior grau de intencionalidade e compreensão dos fins da educação.

Ora, quando se tem um programa predefinido de ensino, onde a memorização e a repetição tornam-se o modelo didático poderíamos dizer que ocorre a “domesticação” dos alunos. Sobre este tema Rubem Alves, possui uma incrível obra literária e lúdica denominada Pinóquio às Avessas e que vale a pena transcrever parte da justificativa dada pelo autor ao iniciar seu livro:

[...] Adulto, dei-me conta de que havia coisas erradas em muitas histórias infantis. Por exemplo: a moral de Os três porquinhos é que os músicos, os artistas, são preguiçosos e irresponsáveis. O herói é o porco Prático, sempre sisudo e preocupado. Trata-se de uma variação sobre o tema da fábula A cigarra e a formiga. Isso me provocou a escrever outra versão da mesma história, em que os heróis são os artistas. A história de Pinóquio, me parece, ensina que as crianças nascem de pau e só depois de passar pela escola viram crianças de verdade. Se não passarem pela escola, correm o risco de se tornar jumentinhos, com rabo e orelhas de burro, além de zurrar. Pensei então em escrever uma história ao contrário; um menino que nasce de carne e osso e, à medida que estuda na escola, vai virando outra coisa... Foi assim que esta história nasceu. Ela é dedicada às crianças, mas são os pais e os professores que devem lê-la. (ALVES, 2005, p.7).

Ao que indica a obra citada, a espontaneidade infantil é minada no processo de mecanização educacional das crianças. Logo, deparamo-nos com a importância de identificar formas didáticas que se valham da ludicidade, principalmente, na educação infantil e que integrem saberes tradicionais aos saberes das novas gerações, auxiliando na preparação para a alfabetização e letramento das crianças.

Assim, buscamos apontar as vantagens do uso de aparatos tecnológicos e recursos lúdicos com base na análise de pesquisas bibliográficas já existentes que versam sobre o tema e considerando que

[...] o ato de pesquisar deve apresentar características específicas. Não buscamos, com ele, qualquer conhecimento, mas um conhecimento que

ultrapasse nosso entendimento imediato na explicação ou na compreensão da realidade que observamos. Um conhecimento que pode até mesmo contrariar esse entendimento primeiro e negar as explicações óbvias a que chegamos com nossas observações superficiais e não sistemáticas. Um conhecimento que obtemos indo além dos fatos, desvendando processos, explicando consistentemente fenômenos segundo algum referencial. Neste caso, estamos fazendo pesquisa para construir o que entendemos por ciência, ou seja: tentando elaborar um conjunto estruturado de conhecimentos que nos permita compreender em profundidade aquilo que, à primeira vista, o mundo das coisas e dos homens nos revela nebulosamente ou sob uma aparência caótica. Vamos então percorrendo aqueles caminhos que nos parecem, segundo critérios, mais seguros para construir uma compreensão aproximada dos homens, da natureza, das relações humanas, etc. (GATTI, 2012, p.9-10)

Ocorre que “qualquer reflexão sobre o futuro dos sistemas de educação e de formação na cibercultura deve ser fundada em uma análise prévia da mutação contemporânea da relação com o saber” (LÉVY, 2010, p. 159).

III. RELAÇÃO COM O SABER

“Nascer é ingressar em um mundo no qual estar-se-á submetido à obrigação de aprender.” (CHARLOT, 2000, p.59).

A relação entre a criança e o meio onde está inserida é única. Segundo Vygotsky, 1996, (apud Lazaretti, 2009, p.264) esta relação seria o ponto de partida para as mudanças dinâmicas que se produzem no desenvolvimento durante o período de cada idade. Determinando as formas e a trajetória que permitem a criança adquirir propriedades da personalidade, já que a realidade social é a verdadeira fonte do desenvolvimento, a possibilidade de que o social se transforme em individual. Neste sentido (Charlot, 2000, p.34), menciona que “estudar a relação com o saber é estudar esse sujeito enquanto confrontado com a necessidade de aprender e a presença de “saber” no mundo”. Assim sendo, não se pode deixar de considerar o sujeito ao estudar-se a educação. Mas nem por isso podemos esquecer que o sujeito da educação é um ser social.

No documentário “A educação desafios do nosso tempo”, há diversos apontamentos que merecem destaque. Entretanto, um deles nos faz refletir sobre os caminhos da educação, em 11’35”, a Professora Doutora em Educação, Tania Mara Zancanaro Pieczkowski, cita:

A experiência não se troca, ela é única, ela é vivida. Não é aquilo que acontece, é aquilo que me acontece, que me transforma, que me toca. Neste sentido, a aula precisa propiciar isso, que o estudante produza experiências, que ele seja ativo na construção do próprio conhecimento.

Este entendimento trazido pela Doutora em educação da Universidade Comunitária da Região de Chapecó - Unochapecó, também, corrobora com o indicado nos estudos de Benevides (2017, p. 39), que menciona:

Afinal, todos nós temos nossas próprias histórias de vida e elas precisam ter visibilidade e respeito, interagir e fazer algum sentido junto ao cruzamento dos saberes que são adquiridos no processo formal de instrução escolar. E, de

igual maneira, em outros processos informais e não formais de aprendizagens e em todos os processos de formação humana, enquanto houver vida humana. Contudo, é preciso uma mobilização interna para que o sujeito seja provocado a entrar e permanecer no jogo que se estabelece entre seus pares, em todo espaço de formação, sobretudo por conta das alternativas simbólicas que se estabelecem na relação entre os sujeitos e as coisas.

Neste sentido, Charlot (2013, p. 169), afirma que a educação é o movimento pelo qual uma geração recebe as criações culturais das gerações antecedentes e as transmite ampliadas, às gerações seguintes, continuando, desse modo, o processo de criação da espécie. Contudo, complementa Charlot, ao receber esse legado, cada um de nós, ao mesmo tempo, se constrói como um ser singular o que é fundamental para compreender a educação e percebermos que ao nascermos com possibilidades, tornamo-nos seres humanos concretos por meio da educação.

A educação contemporânea ganhou novos paradigmas que dão um ar de complexidade as novas relações entre os sujeitos e o mundo contemporâneo, mas não é a primeira vez que a humanidade ingressa em períodos de alterações substanciais na forma de se relacionar com o saber. O sistema contemporâneo globalizado de informações exige novas habilidades e adequações. Assim como ocorreu no período da revolução industrial entre meados do século XVIII e início do século XIX, quando boa parte dos modelos educacionais aparentemente foram moldados, com sinais tocando, conteúdos organizados em diferentes disciplinas, crianças em grupos por sistemas de faixas etárias, semelhante ao sistema de produção em massa que desenvolveu a linha de montagem, criado por Henry Ford, o fordismo, onde as demandas sociais do modelo de vida industrializado cobravam roupagens diferenciadas no comportamento dos indivíduos.

Gatti (2012, p.13) afirma que a educação se processa dentro de um sistema de relações sociais que se institucionaliza em sistemas escolares. O que envolve interações de fatores da existência humana, desde nosso corpo até nossas ideologias. Em um conjunto único, mas que está simultaneamente em processo de consolidação, contradição e mudança.

Ora, novas culturas e novas gerações merecem novas abordagens, sob pena, eventualmente, dos alunos não acompanharem o ensino que lhes é dispensado. O professor Doutor Bernard Charlot, menciona que a relação com o saber trata-se da relação de um sujeito com o mundo, com ele mesmo e com os outros, e esclarece que:

A educação é um triplo processo de humanização, socialização e entrada numa cultura, singularização-subjetivação. Educa-se um ser humano, o membro de uma sociedade e de uma cultura, um sujeito singular. Podemos prestar mais atenção a uma dimensão do que a outra, mas, na realidade do processo educacional, as três permanecem indissociáveis. Se queremos educar um ser humano, não podemos deixar de educar, ao mesmo tempo, um membro de uma sociedade e de uma cultura e um sujeito singular. (CHARLOT, 2006, p.15).

Neste cenário de mudanças, trazidas especialmente pelas tecnologias da informação e comunicação, as formas de abordagem dos alunos necessitam de aparatos inovadores de modo a construir outras óticas de compreensão de mundo, onde a competitividade e a individualidade dão lugar aos princípios da cooperação, da colaboração e da coletividade.

Estamos conectados como nunca antes estivemos na história da humanidade, trocamos a todo instante informação, conhecimento e cultura. Os indivíduos podem baixar arquivos e recriar conteúdos

complementando-os, ou seja, há a participação colaborativa da construção do conhecimento. A contemporaneidade exige que os sujeitos sejam capazes de pensar de forma crítica e colaborativa. Assim, o indivíduo participa ativamente da construção do saber, colaborando com suas experiências e lançando informações que podem ser novamente complementadas com outras experiências de outros sujeitos. Benevides, 2017, relata que:

[...] o movimento humano no qual o sujeito aprende coisas se dá também pela necessidade de convivermos com os outros e com o mundo e, seguramente, com a apropriação de todo esse repertório que nos rodeia e dá sentido à nossa existência. Seria uma espécie de sistemas de sentidos que nomeia o nosso eu, o mundo e os outros sujeitos, que permeia a nossa longa trajetória de vida, enquanto nos constituímos sujeitos em formação e que, por nunca se definir na sua completude, pode ser chamado de educação, que vem a ser uma feitura de si próprio, embora saibamos que isso só pode ocorrer sob a interferência do outro. (BENEVIDES, 2017, p. 43)

A relação com o saber é uma relação entre sujeitos, eles mesmos e o mundo que os cercam. Havendo outras formas de relacionar-se além do ambiente físico escolar, evidentemente, há outras formas de construção da aprendizagem. Considera-se que “a posição da própria criança se constrói ao longo de sua história e é singular.” (CHARLOT, 2000, p.21), o sujeito não é somente influenciado pelo meio, mas interage e interpreta os estímulos que recebem construindo seus conceitos e fortalecendo suas identidades.

A aprendizagem, neste caso, pode ser considerada como “qualquer mudança relativamente permanente no comportamento, e que resulta de experiência ou prática” (BRAGHIROLI et al., 2002, p. 120), neste compasso é notável frequência e força que um comportamento pode ter depois de apreendido. Isso significa que a escola, como ambiente facilitador para o aprendizado, colabora com o processo de construção da identidade, afinal a relação com o saber também está relacionada com identificação.

Os primeiros estágios (ou períodos) do desenvolvimento cognitivo proposto por Piaget são trabalhados no ambiente pré-escolar, ainda que seja feita a abordagem piagetiana no ambiente físico ou simbólico, as formas relacionais propostas por Vygotsky não são menosprezadas.

O aluno é um ser humano e, conseqüentemente, portador de desejos, conscientes e inconscientes, cuja satisfação busca de algum modo para que assim possa obter prazer (BENEVIDES, 2017, p. 47). Encontrar este prazer nesta relação com o ambiente de ensino pode nutrir o interesse das crianças pelos conteúdos, tornando-as participativas na construção do aprendizado com experiências emocionais compartilhadas e desenvolvimento de suas habilidades.

Menciono ambiente de ensino, pois a criança se desenvolve em seu próprio ritmo, sendo justamente o processo de desenvolvimento uma constante que não se restringe ao proporcionado pelo sistema educacional formal. Educadores e familiares contribuem para que as bases da personalidade sejam lançadas em cada um dos infantes, ou seja, podem fortalecer os valores que nortearam a sobrevivência no mundo globalizado e rapidamente mutável.

A perspectiva que se dá ênfase ao fazer esta análise da relação com o saber é a de destacar a importância do processo pelo qual as crianças são instrumentalizadas para responder aos anseios do mundo que as confrontam. Refletir sobre como realizar a formação inicial das crianças repensando as formas de abordagens valendo-se de instrumentos tecnológicos e/ou lúdicos como facilitadores do processo.

Daí a proposta de uso de computadores, data shows e tabletes infantis no ensino pré-escolar. Ao

utilizar um aparelho que a criança já está familiarizada no ambiente familiar, podemos introduzir outros equipamentos e demonstrar possibilidades de interação entre eles, sujeitos e objetos. Fazer a criança se perceber dentro da cena projetada com data show ou interagir com o jogo no aplicativo do tablete dinamizam o ensino e despertam o desejo para a descoberta do novo.

Ao abordarmos da educação infantil, observamos que os indivíduos aprendem com contato com ambiente físico e com pessoas com as quais mantêm relações e que “a situação de aprendizado não é apenas marcada pelo local e pelas pessoas, mas também por um momento” (CHARLOT, 2000, p. 67). Sendo estes momentos importantíssimos para a construção dos valores que acompanharam as crianças em todas as fases de suas vidas.

Conseguir mobilizar as crianças a despertar suas potencialidades com experiências prazerosas que ampliem suas percepções de mundo é a tarefa do educador que busca tornar a aula cada vez mais interessante. Em termos mais específicos, na prática, conseguir a atenção do aluno que encontra diversos motivos para estar disperso colabora com o processo de aprendizagem. Mas qual a necessidade de despertar o desejo pelo aprender? Seria possível pensar em evolução contínua sem compreender como aprendemos ou como educamos as crianças para lidar com o mundo globalizado que está em constante mudança?

Sobre o processo de ensino-aprendizagem, Santos (2000, p. 64) assegura que é preciso olhar a aprendizagem como um momento à frente, para além daquilo que já sabemos, como uma possibilidade contínua e constante do “vir aprender”, do conhecer, do apropriar-se de um conhecimento novo.

Sabe-se que a experiência acontecesse no âmbito da subjetividade, pois “a aprendizagem é a nossa própria vida” (PARACELSO, 1951, p.181 apud MÉSZÁROS, 2008, p.23) “O discurso pedagógico é mistificadora na medida em que ele fala de tudo, menos de uma coisa: que a educação leva a um emprego, que ela leva a uma divisão social do trabalho” (CHARLOT, 2005, p.15).

As crianças naturalmente estão interessadas em descobrir novas coisas, fazem questionamentos, observam atentas aquilo que lhes apetece. Sendo a educação infantil a etapa da educação básica que fomenta o desenvolver de habilidade, atitudes, conhecimentos, formas de relacionamentos e expressões, e nesta fase, ela deve ser estimulada a ser proativa no meio em que vive, experimentando, comparando e fazendo suas próprias conclusões. PAGANI, 2003, afirma que “toda criança brinca porque gosta. Para as que ainda não falam brincar é uma forma de expressar o que estão sentindo, suas experiências e vivências interiores. Brincar, para a criança, é tão vital quanto comer e dormir. Entretanto, muitos educadores ainda direcionam o foco apenas para o resultado, esquecendo o processo. Na obra de ALVES 2005, o pai explica ao filho:

É assim: você entra para a escola no primeiro ano. Lá vão lhe ensinar muitas coisas. Se você aprender e tirar boas notas, passará para o segundo ano. No segundo ano, vão lhe ensinar muitas outras coisas. Se você aprender e tirar boas notas, passará para o terceiro ano. E assim você vai aprendendo coisas, tirando boas notas e passando de ano, até chegar o momento mais importante, o momento em que você deverá escolher o que vai ser quando adulto. É a hora de entrar na universidade. Muitos querem entrar nas universidades. Mas elas não tem lugar para todos. Aí não basta tirar boas notas. Você terá que tirar as melhores notas para entrar na universidade. Os que não tiram as melhores notas não entram. Se você entrar, no primeiro ano vão lhe ensinar as coisas necessárias para ter a profissão que você escolheu. Se você aprender e tirar boas notas, passará para o segundo ano. No segundo ano, vão lhe ensinar muitas outras coisas, e assim vai até terminar o último ano da universidade. Aí há uma grande festa, chamada formatura. Na formatura você receberá um diploma. Diploma é um papel grande, bonito, em que se encontra

escrito o nome da sua profissão. É o diploma que diz o que você é. Os adultos são a profissão que exercem. Aí você vai trabalhar, ganhar dinheiro, ter filhos, que vão para a escola, onde lhes ensinarão muitas coisas [...] (ALVES, 2005, p.20).

Educamos seres humanos, não máquinas. As máquinas foram criadas para facilitar o trabalho do homem, mas ao que parece algo está sendo deixado de lado com o desenvolvimento tecnológico e com a globalização. As políticas públicas acabam por se contradizer ao afirmar discursos pedagógicos que destoam da realidade social, restando aos agentes de ensino escolher dentro dos conteúdos que lhes são apresentados quais formas didáticas melhor se adequaram as necessidades cotidianas.

CONSIDERAÇÕES

A formação do professor e a relação entre estes e os alunos, como ponto de referência para a construção das identidades, fixação de valores e ressignificações de experiências em seus contextos sociais – históricos – afetivos. A pesquisa em educação aqui realizada ao observar perspectivas psicológicas de construção do saber na educação escolar objetivou encontrar caminhos que adentram questões de métodos e tecnologias de ensino, formação do docente e relações professores/alunos.

Nota-se que os discursos norteadores da maioria das obras pedagógicas contemporâneas trazem a ideia de que precisamos construir um novo homem para uma nova sociedade. Ora, “[...] os conceitos da criança se formaram no processo de aprendizado, em colaboração com o adulto” (VYGOTSKY, 1998, p. 133). Neste norte a educação, e refiro-me aqui a educação formal, assume o papel de construtora dessa realidade onde a sociedade está cada vez mais dinâmica. Afinal, “ensinar é o ato de facilitar a aprendizagem; quem é ensinado aprende mais rapidamente do que quem não é” (SKINNER, 1972, p. 4 in OGASAWARA, 2009). Sobre o tema, Johann, 2012 diz que:

Vivemos em um mundo plural, marcado por diferenças de toda ordem. Por se tratar de um mundo globalizado, em que não há mais barreiras físicas e culturais que possam ainda manter guetos isolados, precisamos aprender a conviver e construirmos juntos um mundo bom para todos [...] Aprender a conviver é um dos desafios do mundo contemporâneo. A humanidade evoluiu fantasticamente do ponto de vista tecnológico e ainda se mantém numa barbárie assustadora no que diz respeito ao convívio com as diferenças. Só amamos aqueles que nos querem bem. Precisamos aprender a conviver com tudo e com todos, mesmo sendo muito diferentes, considerando as diferenças como infinitas possibilidades de crescimento. Esse é um exercício para ser feito em todos os momentos de nossas vidas. Somente assim haveremos de expressar a cidadania através de comportamentos amorosos, solidários e acolhedores. (JOHANN, 2012, p.70).

Manter-se estático com toda a dinamicidade da globalização e não visualizar soluções para os problemas que se descortinam é negar a relação entre pesquisa/ação/mudança. Assim, destacamos pontos que precisam ser analisados com maior profundidade. Ir a escola não deveria ser considerado uma obrigação, como muitos pensam, o período a que se dedica aos estudos deve ser considerado como momento de prazer, de aprendizado e reflexões a respeito de novos conhecimentos e habilidades. A forma como o aprendizado acontece é subjetiva, ou seja, cada um incorpora, ao próprio cabedal mental, informações que lhes apeteçam com muito mais facilidades do que aquelas que lhes são indiferentes.

Discutir apetites quando relacionados a educação infantil pode parecer um tanto quanto fora de contexto quando analisado de forma colonizada, afinal o nosso modelo educacional sempre tendeu ao engessamento, direcionando-nos a formação racional e coloca em segundo plano o emocional. Entretanto, a ótica que buscamos destacar com o presente estudo é justamente àquela que maximiza o sensível, principalmente quando propomo-nos a trabalhar com a educação infantil.

Trabalhar ensinando na educação infantil exige formas de abordagem que vão além de exposições de conteúdos. O ensino lúdico e as brincadeiras orientadas pelos professores da pré-escola funcionam como grande facilitador do processo nesta fase do desenvolvimento humano. “O aprendizado da brincadeira, pela criança, propicia a liberação de energias, a expansão da criatividade, fortalecendo a sociabilidade e estimula a liberdade do desempenho” (GARCIA; MARQUES, 1990, p. 11).

Não poderíamos deixar de destacar a importância das escolhas dos temas e das formas de abordagem que serão usados na pré-escola quando da observação das relações entre os agentes envolvidos, mesmo havendo diretrizes que indicam o que será trabalhado, pois questões pessoais e subjetivas acabam por ser introduzidas no fazer pedagógico. Maluf (2014), menciona que:

É válido ressaltar que concebemos o fazer pedagógico, não como uma ação neutra, sem intencionalidade, mas uma ação definida pelo educador que, conscientemente ou não, ao elaborar seu plano de trabalho faz opções teóricas, filosóficas e políticas. Estas escolhas podem e devem manter coerência interna e deverão estar atreladas às concepções pessoais de mundo e de ser humano, sobretudo do cidadão que se deseja formar, o que orientará processos de ensino-aprendizagem [...], sem deixar de reconhecer a riqueza das experiências vivenciadas, que podem e devem ser somadas às atividades propostas, circunscrevendo um conjunto de saberes próprios do fazer pedagógico. (MALUF, 2014, p. 9-10).

Assim, sugere-se a reflexão sobre algumas questões: Qual o tipo de relação existente entre os professores e os alunos da educação infantil De qual modo essa relação pode interferir na formação dos alunos e na do próprio professor Ao se elaborar o plano de trabalho aspectos subjetivos são observados ou estão inconscientemente implícitos

Ora, as crianças devem ser tratadas como sujeitos de direitos e deveres, como seres únicos como realmente são, ao focar nos resultados deixa-se de lado importantes progressos pessoais. Charlot (2005, p. 21) menciona que devemos fazer uma leitura positiva da realidade social quando se analisa as competências adquiridas pelos alunos, desmistificando a questão do fracasso escolar, não se trata de excluir dizendo que alguns tem determinadas competências que outros não conseguiram obter, mas saber o que esses que não as obtiveram foram capazes de apropriar-se.

- Na escola não vão lhe dar notas por essas coisas que você sabe. Para dar notas, os professores fazem o que se chama de provas, com uma série de perguntas sobre aquilo que eles ensinaram. Os alunos devem responder.

- Quer dizer que o que eu aprendi fora da escola não vale nada lá dentro Se eu fizer uma pergunta a um professor e ele não souber a resposta, eu posso lhe dar uma nota Há boletins em que os alunos dão notas para os professores O que é que os professores fazem com as notas - continuou Felipe.

- Bem, é assim... Se suas notas forem ruins, você não passa de ano. Se forem boas, você passa.

- Qual a nota pra não passar
- Uma nota menor que 5.
- Quer dizer que se eu tiver nota 4, tenho de repetir o ano inteiro, mas se eu tiver 5 passo de ano... Que diferença faz só um!
- Sim.
- Mas, papai, isso está certo A diferença de um ponto na nota pode ter o mesmo valor que um ano na vida

O pai não soube o que responder, mas Felipe não lhe deu uma nota baixa... (ALVES, 2005, p.23).

Na educação infantil a questão da reprovação não é um problema a ser enfrentado segundo as diretrizes e bases da educação nacional. Entretanto, a cultura escolar de mecanização começa a dar seus primeiros passos, pois as avaliações tendem a ser realizadas na expectativa de obtenção de resultados padronizados. O trabalho lúdico-pedagógico surge como proposta para o desenvolvimento global, tornando o sujeito consciente de sua importância social ao mesmo tempo que serve de instrumento desenvolvedor de habilidades (físicas, psíquicas e sociais). Sendo este período um dos melhores para a mobilização das crianças pelo gosto em aprender, principalmente quando observa que os educandos já nasceram na era da informação e o que aparentemente é novidade tecnológica para o adulto é tido como ordinário para muitos infantes.

Logo, a reflexão sobre a sutileza e sensibilidade necessárias quando da escolha nas formas de abordagem dos alunos da educação infantil, mostra-se necessária, podendo fazer a diferença no processo de ensino-aprendizagem e que refletir em todas as demais fases da vida dos educandos.

REFERÊNCIAS

ALVES, RUBEM. **Pinóquio às avessas**. Campinas: Verus, 2005.

BENEVIDES, Lourdisnete Silva. **A cidade em mim**. 1.ed. Aracaju: EDISE, 2017.

BONILLA, Maria Helena Silveira; SOUZA, Joseilda Sampaio de. Diretrizes metodológicas utilizadas em ações de inclusão digital. In: BONILLA, Maria Helena Silveira; PRETTO, Nelson De Luca. **Inclusão digital: polêmica contemporânea**. V.2. Salvador: EDUFBA, 2011.

BRAGHIROLI, E. M.; BISI, G. P., RIZZON, L. A. e NICOLETTO, U. **Psicologia geral**. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet: reflexões sobre internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber às práticas educativas**. 1.ed. Coleção docência em formação: saberes pedagógicos. São Paulo: Cortez, 2013.

CHARLOT, Bernard. **A pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas: especificidades e desafios de uma área de saber**. Revista Brasileira de Educação. v. 11 n. 31. jan./abr. 2006.

CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização: questões para a educação hoje**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Trad. Bruno Magne. Porto Alegre: Artmed, 2000.

FERNANDES, Mille Caroline Rodrigues. O ensino de história e cultura afro-brasileira e africana: Articulações e contribuições práticas antirracistas a partir do projeto Makolé. In: MEIRELES, Mariana Martins de. **Educação, diversidade e diferenças: olhares (des)colonizados e territorialidades múltiplas**. 1. ed., Curitiba: CRV, 2015.

GARCIA, R. M. R; MARQUES, L.A. **Brincadeiras cantadas**. Porto Alegre: Kuarup, 1990.

GATTI, Bernadete Angelina. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. Brasília: Liber Livro Editora, 2012.

JESUS, Cícero Ramon Cunha de. **A relação professor-aluno e a constituição do self educacional em adolescentes do ensino médio**. Dissertação. Salvador: UFBA, 2016.

JOHANN, Jorge Renato. **Filosofia & cidadania**. 4. ed. Aracaju: UNIT, 2012.

LA TAILLE, Yves de. O lugar da interação social na concepção de Jean Piaget. In.: DANTAS, Heloysa.. **Piaget, Vigotsky, Wallon: Teorias Psicogenéticas em Discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 3.ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

MALUF, Angela Cristina Munhoz. Atividades lúdicas para educação infantil: Conceitos, orientações e práticas. 4.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

OGASAWARA, Jenifer Satie Vaz. **O conceito de aprendizagem de Skinner e Vygotsky: um diálogo possível** (monografia) Salvador: Universidade do Estado da Bahia, 2009, 45f, disponível em , acessado em 12 de dezembro de 2014.

PAGANI, Thereza Soares. **A entrada de uma criança na escola**. Caderno Equilíbrio. Folha de São Paulo, 2003.

PARACELSO, Selected Writings apud MÉSZÁROS, István. **Educação para além do capital**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

PIECZKOWSKI, Tania Mara Zancanaro. **Documentário: a educação e os desafios do nosso tempo**. Unowebtv Unochapecó. Disponível em . Acesso em: 09 dez. 2017.

SANTOS, Cleusa. **Avaliação no processo ensino-aprendizagem: uma abordagem histórico-cultural**. Dissertação de Mestrado, Curso de Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade**. Uma introdução às teorias de currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

VYGOTSKI, Liev Semiónovich. **Obras escolhidas**. Tomo IV. Trad. Lydia Kuper. Madrid: Visor Dist. S. A., 1996. Apud LAZARETTI, Lucinéia Maria. Aprendizagem e desenvolvimento na primeira infância: destaque para instrumentos culturais. Paraná: PPGE-UFSCar, 2009.

VYGOTSKY, Lev Semyonovitch. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.